

Acompanhe o comportamento da nossa economia

A economia entrou em desaceleração que, a persistir, conduzirá rapidamente o País a uma recessão, prevê a economista Maria Cristina Pinotti, da Delphos Consultoria Econômica,

com base no estudo dos principais indicadores da economia brasileira — como preços, produção, consumo, balança comercial, emprego, títulos protestados.

A economista, doutoranda na USP, trabalha com dados anualizados e dessazonalizados. Ou seja, os dados do mês são projetados para os próximos 12 meses, suprindo-se porém as ten-

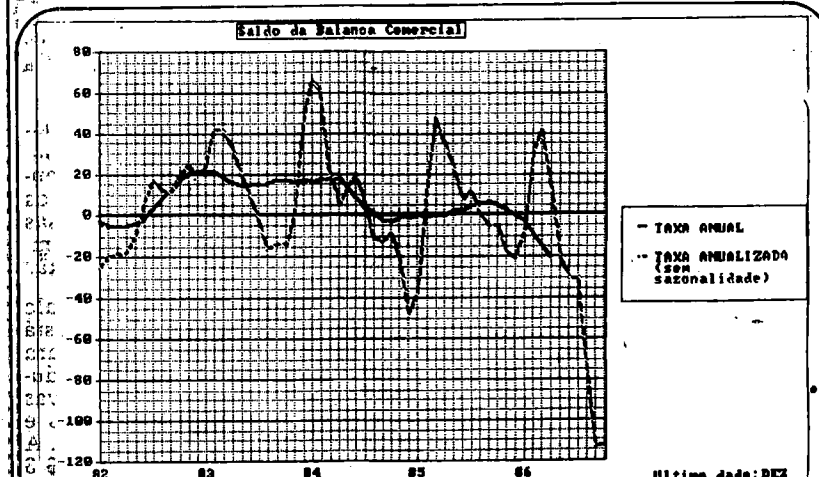
dências sazonais (da estação).

Os gráficos a seguir tratam as tendências recentes. As linhas pontilhadas refletem as taxas anualizadas, sem sazonalidade, en-

quanto as linhas cheias indicam a tendência dos últimos 12 meses — um indicador direto, sem qualquer tratamento.

Maria Cristina Pinotti

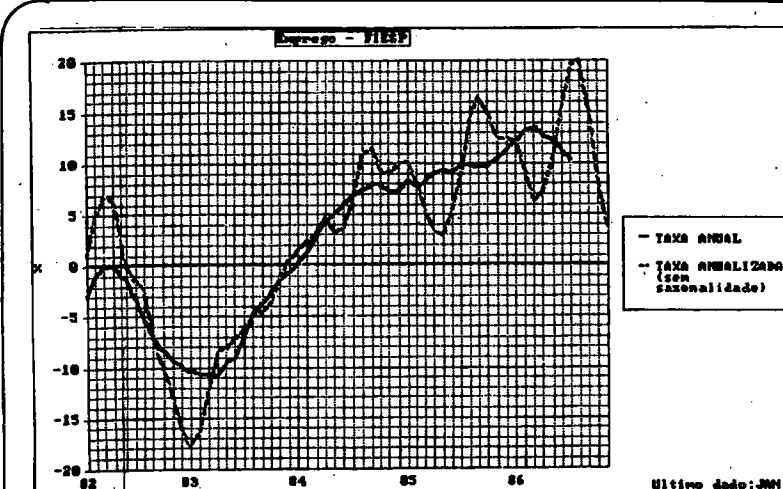
observa que o sistema de acompanhamento por médias só irá refletir os dados conjunturais com atraso de vários meses, variável conforme a série econômica em estudo.



A tendência de queda dos saldos comerciais resulta tanto da redução das exportações quanto do aumento das importações. As exportações decresciam à taxa dessazonalizada de 83% no bimestre novembro/dezembro, com decréscimo médio de 12% em 1986 e 5,2% em 1985. Em 1986, somente 2 meses mostraram exportações superiores às do mesmo mês do ano anterior — janeiro e maio, com +0,6% e +24%. Mas a retomada de exportações após o cruzado, afirma a economista Cristina Pinotti, foi episódica. Já as importações cresciam à taxa des-

sazonalizada de 33% ao ano no bimestre novembro/dezembro. No ano, o decréscimo médio foi de 3,4%, contra 5,8% em 1985.

Os números não causariam preocupação. Mas a velocidade da reversão no último bimestre de 1986 mostra a gravidade da deterioração do saldo comercial. O dado de janeiro, recém-divulgado — saldo de somente US\$ 100 milhões — confirma os números do final de 1986. A taxa anualizada mensal do saldo comercial saiu de +42% em maio/86 para -112% em dezembro.



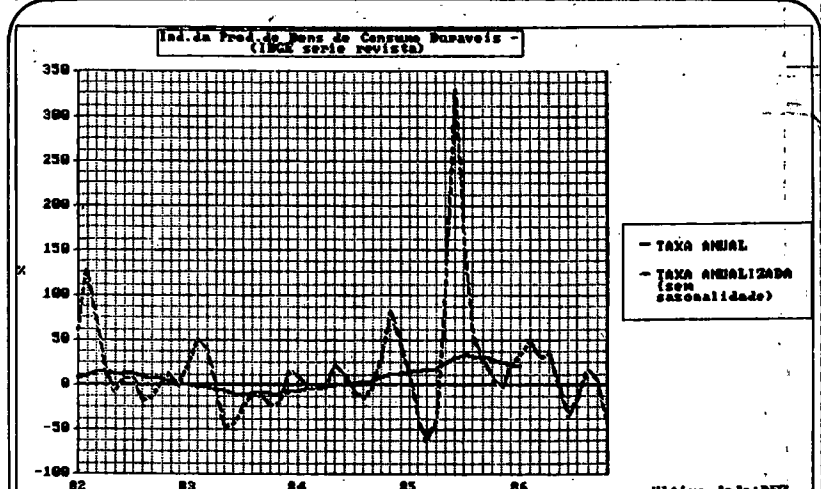
A taxa anualizada e dessazonalizada do nível de emprego industrial na Grande São Paulo (Fiesp), que evoluía em janeiro/86 à taxa de +12,4%, teve uma queda no ritmo após o cruzado (+6,4%), recuperou-se depois até atingir +20% em outubro (seu nível mais alto) declinando depois a 15,4% em novembro, 8,1% em dezembro e 3,5% em janeiro de 1987. Esse dado, na avaliação da economia, fazem parte de um quadro

maior que aponta para uma recessão em curso. Isoladamente, entretanto, não constituem o dado mais flagrante. E o índice de desemprego da Fundação IBGE, que mostrava seu nível mínimo de 2,1% em dezembro, contra 3,1% em dezembro/85, retrataria com menor fidelidade a situação atual, até porque em São Paulo, as tendências são percebidas com mais rapidez — a principal metrópole antecipa movimentos.

Os indicadores de produção industrial do IBGE mostravam no 2º semestre de 1985 um crescimento de 29% (26% na Fiesp), com estabilidade (crescimento zero) no 1º semestre de 1986 e nova inflexão — primeiro positiva, e depois negativa — no 2º semestre. Na segunda metade de 1986, portanto, a evolução foi de +23%. Mas, em dezembro, a taxa anualizada passava a negativa: -3,5%. A tendência de queda, observa Maria Cristina Pinotti, só se manifesta a partir do último trimestre.

A evolução da base monetária, em taxas anualizadas e dessazonalizadas, oscilou entre os 220 e os 300% em 1985, sem grandes sobressaltos, observa Maria Cristina Pinotti. Mas depois dos 280% de janeiro e 330% de fevereiro/86, com o Plano Cruzado ela disparou: de 363,5% em março passou a 859,3% em abril até o máximo de 1.799,1% em maio, declinando progressivamente a partir daí, até atingir taxas negativas em janeiro/1987. Essa contração no crescimento da base monetária, em especial a partir de agosto, preparou o caminho para uma recessão neste início de ano.

O indicador de produção de bens de consumo em geral (IBGE) cresceu a 38% em média no 2º semestre de 1985, declinou a -6% no 1º semestre de 1986 e voltou a crescer (+25%) no 2º semestre de 1986. Como esse indicador engloba bens duráveis e não duráveis, constata-se que no ramo mole o crescimento continuou significativo, indicando, inclusive, mudança na composição da demanda — inicialmente em benefício das camadas menos favorecidas. Como essas são também as mais atingidas durante uma recessão, a economista Pinotti admite que a reversão desse indicador poderá ser muito intensa.



A tendência de queda na produção de bens duráveis foi muito acentuada. Enquanto no 2º semestre de 1985 a evolução anualizada e dessazonalizada chegava a +93%, com crescimento declinante, mas ainda assim fortemente positivo, de -1-26% no 1º semestre de 1986, no 2º semestre do ano passado declinava a -16%

(contra -9% até novembro). A taxa anualizada e dessazonalizada de dezembro chegou a -40,7%.

O boom de consumo de duráveis, portanto — observa a economista — foi antes e não depois do Plano Cruzado, certamente sob influência da redução da oferta.

